

**EDUCAÇÃO DO CAMPO DA FLORESTA E FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES: UM ESTUDO DE CASO DOS AVANÇOS E DESAFIOS NO  
PERFIL, FORMAÇÃO E NA GESTÃO EDUCACIONAL DO ENSINO  
FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO DA  
FLORESTA EM BENJAMIN CONSTANT-AM<sup>1</sup>**

Autor: Gilberxe Santana Penaforte (UFAM)<sup>2</sup>  
Co-autora: Gilcirley Santana Penaforte (UFAM)<sup>3</sup>

**Resumo**

A pesquisa científica objetivou analisar os avanços e desafios no perfil, formação e Gestão Educacional do Ensino Fundamental de uma Escola Pública da Educação do Campo da Floresta em Benjamin Constant-AM. Servindo como arcabouços metodológicos, a pesquisa de natureza qualitativa, no método de abordagem fenomenológico, utilizando-se as técnicas e instrumentos para a coleta de dados: observação participante; questionário com perguntas abertas e o caderno de campo. Tendo como principais teóricos: Saviani (2008), Leite (2002), Tardif (2002), Contreras (2002), Arroyo (2007) e Fernandes (1999), entre outros autores indispensáveis para o desfecho e compreensão dos desafios encontrados pelos educadores no processo de ensino-aprendizagem, em consonância com a gestão escolar. Justifica-se esta pesquisa por razão de se conhecer o perfil, formação e a gestão educacional dos sujeitos investigados, que contribuirá também, para que os representantes estaduais e municipais da educação da zona rural, assim como coordenadores, apoio pedagógicos, professores, alunos da rede pública, estadual e municipal, reflitam na maneira de como os profissionais vem enfrentando diversas dificuldades no ambiente de trabalho, e a forma como vem sendo executadas nossas políticas públicas. A pesquisa demonstrou que os professores possuem o perfil para atuar nas Escolas do Campo, pois a maioria declarou gostar de trabalhar na instituição de ensino. Em contrapartida considerou-se que somente um professor destacou que não diferencia a educação do campo com a educação urbana. Entretanto, a construção de um corpo profissional específico só se dará por meio de políticas públicas específicas, porque sem ela os esforços são em vão.

**Palavras-chave:** Educação, Campo, Formação.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaforte.spo@gmail.com

## **1 Introdução**

O estudo foi realizado no município de Benjamin Constant no ano de 2016, tendo como campo da pesquisa a Escola Pública da Educação do Campo da Floresta Recanto do Beija Flor, localizada na Comunidade Recanto do Beija Flor na zona rural do município de Benjamin Constant-AM.

O município de Benjamin Constant foi criado pela Lei Estadual nº. 191 de 29 de janeiro de 1898, possui uma área geográfica correspondente a 8.742,6 Km<sup>2</sup>, e se distancia de Manaus 1.120 Km em linha reta, e 1.628 Km por via fluvial. Com uma população total de aproximadamente 31.195 habitantes. Localiza-se na microrregião do Alto Solimões, mesorregião do Sudoeste Amazonense, região norte do Brasil.

O município possui 12 escolas públicas na zona urbana e 58 na zona rural, além de 04 instituições particulares de educação infantil.

Justifica-se esse artigo por se tratar de um assunto a qual reverbera a prática docente em comunidade rurais e principalmente por se tratar de comunidades indígenas que lutam por uma educação diferenciada que agem conforme seus contextos locais, cosmovisões, usos e costumes diferenciados.

O artigo objetiva analisar os avanços e desafios no perfil, formação e na gestão educacional do ensino fundamental em uma Escola Pública da Educação do Campo da Floresta em Benjamin Constant-AM. E mais especificamente verificar o perfil, a formação, e a gestão educacional; identificar os avanços e desafios na prática educativa docente e na gestão educacional; e discutir a importância do perfil e da formação de professores na prática educativa docente e na gestão educacional da Escola Pública da Educação do Campo da Floresta no ensino fundamental e no Campo.

## **2 Desenvolvimento**

### **2.1 Histórico da educação do campo, formação de professores e gestão educacional**

No Brasil as questões das primeiras escolas de formação de professores no país foram às escolas normais. Surgiram logo após a independência, sob a responsabilidade das

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaforte@gmail.com

províncias, às quais cabia cuidar do ensino elementar [...] foram no período republicano que, ao se iniciar um processo de instalação de escolas em todo o território nacional, tomando-se providências mais efetivas em relação à formação dos professores. (SAVIANI, 2008, p. 144).

Apesar de, todos esses esforços empregados pelos programas e projetos do governo e entidades internacionais para fixação do homem no campo, o êxodo rural reiniciou-se fortemente nas décadas de 1950/60. (LEITE, 2002, p. 37).

Para Contreras (2002, p. 68), “a autonomia significa independência intelectual que se respalda na idéia de emancipação pessoal, de superação do controle abusivo das ideologias que têm exercido um controle burocrático e hierárquico sobre o trabalho do professor”.

Para falarmos de Educação do Campo e Gestão Educacional, devemos conhecer o significado dois termos que define essa gestão educacional que são a organização e a gestão, os termos organização e gestão são frequentemente associados a idéia de administração, governo, provisão de condições de funcionamento de determinada instituição social, família, empresa, escola, órgão público, entidades sindicais, culturais, científicas etc., para realização de seus objetivos (FERNANDES, 2008, p. 89).

Para Molina (2004, p. 28) os sujeitos do campo são aqueles que constroem a educação do campo são sujeitos da resistência no e do campo; sujeitos que lutam para continuar sendo agricultores apesar de um modelo de agricultura cada vez mais excludente; sujeitos que lutam pela terra e pela reforma agrária, sujeitos que lutam pelo direito de continuar a ser indígenas, ribeirinhos, quilombolas, brasileiros com identidade própria desta herança, em terras demarcadas e direitos sociais respeitados, sujeitos de tantas outras resistências culturais, políticas e pedagógicas.

O quadro de mobilização dos educadores alimentou a expectativa de que, findo o regime militar. Mas, a nova LDB promulgada, após diversos vaivens, em 20 de dezembro de 1996, não correspondeu a essa expectativa. Introduzindo como alternativa aos cursos de Pedagogia e licenciatura os institutos superiores de educação e as Escolas Normais Superiores, a LDB sinalizou para uma política educacional tendente a efetuar um nivelamento por baixo: os institutos superiores de educação emergem como instituições de nível superior de segunda categoria, provendo uma formação mais aligeirada, mais barata, por meio de cursos de curta duração. (SAVIANI, 2008, p. 218-221).

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaforste.spo@gmail.com

## 2.2 Escola Pública da Educação do Campo da Floresta Recanto do Beija Flor

Nas comunidades ribeirinhas é comum que a população sobreviva da terra, da floresta e da água e a comunidade do Recanto do Beija Flor não poderia ser diferente, o povo sobrevive do trabalho nas roças, na caça e da pesca, existe uma grande mistura entre indígenas, caboclos, brancos e peruanos, que formaram a identidade cultural desse povo.

A Escola Pública da Educação do Campo da Floresta Recanto do Beija Flor, está organizada com as etapas das séries multisseriadas de (1º ao 5º Ano) das Séries Iniciais e com as turmas do (6º ao 9º Ano) das Séries Finais do Ensino Fundamental, os questionários foram aplicados aos profissionais da escola e para os Supervisores Escolares (que visitam as escolas regularmente para observar como estão atuando os professores nas escolas) do Município.

A escola possui no total 181 alunos, sendo 74 do Recanto do Beija Flor, 35 de Santa Luzia, 34 de São Gabriel e 38 de Confiança. O Pólo do Recanto do Beija Flor tem no total de 27 funcionários ao todo, com 02 Coordenadoras, uma de Pólo e uma Pedagógica, 02 Secretários, 07 Professores das Séries Iniciais e Educação Infantil, 01 Professora de Apoio, 06 Merendeiras e Serviços Gerais, 02 Motoristas e 07 Professores das Séries Finais.

A Escola Pública da Educação do Campo da Floresta Recanto do Beija Flor, está organizada com as etapas das séries multisseriadas de (1º ao 5º Ano) das Séries Iniciais e com as turmas do (6º ao 9º Ano) das Séries Finais do Ensino Fundamental.

Quadro 1- Os recursos humanos da equipe pedagógica.

Item	Sexo	Idade	Função	Formação	Vínculo Institucional
1	F	30	Professora do 1º ao 5º Ano	Licenciatura em Pedagogia	Contrato Temporário
2	M	42	Professor de Matemática do 6º ao 9º Ano	Licenciatura em Pedagogia	Efetivo
3	F	36	Professora de Língua Portuguesa do 6º Ano	Licenciatura em Letras	Contrato Temporário
4	F	29	Professora de Geografia do 6º ao 9º Ano	Licenciatura em Pedagogia e Especialização em História e Geografia	Contrato Temporário

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaforste@gmail.com

5	M	38	Professor de Educação Física e Ensino Religioso do 6º ao 9º Ano	Licenciatura em Letras	Efetivo
6	M	42	Professor de Ciências Naturais e História do 6º ao 9º Ano	Licenciatura em Biologia	Contrato Temporário
7	M	39	Professor de Língua Portuguesa do 7º ao 9º Ano	Licenciatura em Pedagogia	Contrato Temporário
8	M	44	Professor de Artes do 6º ao 9º Ano	Licenciatura em Pedagogia e Especialização em História e Geografia	Efetivo
9	F	47	Coordenadora Pedagógica de Pólo	Licenciatura em Pedagogia	Contrato Temporário

Fonte: Escola Pública de Educação do Campo da Floresta Recanto do Beija Flor. (Abril, 2016)

Observou-se no quadro 1 que os professores têm formação para trabalhar com a educação, pois possuem o Ensino Superior Completo e alguns já têm a Especialização. Conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (BRASIL, 1996), no entanto, determinou no seu artigo 62, que:

[...] a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e **institutos superiores de educação**, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério da educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Apresentamos o perfil e a formação, local de trabalho e tempo de serviço no quadro 2 abaixo relacionado:

Quadro 2- O perfil e a formação, local de trabalho e tempo de serviço dos professores.

Nome	Idade	Sexo	Escolaridade	Local de Trabalho	Tempo de Serviço	Mora no Local de Trabalho	Área de Atuação
<i>P-1</i>	<i>30</i>	<i>F</i>	Licenciatura em Pedagogia	<i>Comunidade Recanto do Beija Flor</i>	<i>2 Anos e 3 meses</i>	<i>Não, porque tem residência própria e tem filhos pra criar</i>	<i>1 ao 5 Ano(multisseriada)</i>

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaforste.spo@gmail.com

P-2	42	M	Licenciatura em Pedagogia	Comunidade Recanto do Beija Flor	Não identificado	Não, porque tem residência própria e tem filhos pra criar	6 ao 9 Ano
P-3	36	F	Licenciatura em Letras	Comunidade Recanto do Beija Flor	2 Anos	Não, porque tem residência própria e tem filhos pra criar	6 ao 9 Ano
P-4	29	F	Licenciatura em Pedagogia e Especialização em História e Geografia	Comunidade Recanto do Beija Flor	1 Ano e 3 meses	Sim há 29 Anos	6 ao 9 Ano
P-5	38	M	Licenciatura em Letras	Comunidade Recanto do Beija Flor	15 Anos	Sim há 20 Anos	6 ao 9 Ano
P-6	42	M	Licenciatura em Biologia	Comunidade Recanto do Beija Flor	2 Anos	Não, porque tem residência própria e tem filhos pra criar	6 ao 9 Ano
P-7	39	M	Licenciatura em Pedagogia	Comunidade Recanto do Beija Flor	2 Anos e 3 meses	Não, porque tem residência própria e tem filhos pra criar	7 ao 9 Ano
P-8	44	M	Licenciatura em Pedagogia e Especialização em História e Geografia	Comunidade Recanto do Beija Flor	14 Anos	Não, porque tem residência própria e tem filhos pra criar	6 ao 9 Ano
			Licenciatura em Pedagogia				

Fonte: P-1; P-2; P-3; P-4; P-5; P-6; P-7; e P-8. (ABRIL, 2016)

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaforte.spo@gmail.com

Sabemos que um dos determinantes da precariedade da educação do campo é a ausência de um corpo de profissionais que vivam junto às comunidades rurais, que sejam oriundos dessas comunidades, que tenham como herança a cultura e os saberes da diversidade de formas de vida no campo. A maioria das educadoras e educadores vai, cada dia, da cidade à escola rural e de lá volta a seu lugar, a cidade, a sua cultura urbana. Consequentemente, nem têm suas raízes na cultura do campo, nem cria raízes. (ARROYO, 2007, p. 68)

Quadro 3- Pergunta: – Você gosta de atuar profissionalmente nas Escolas do Campo? Explique o por quê?

<b>Profissionais da Educação</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<i>Supervisor Escolar-2</i>	<i>– Sim. Porque os discentes precisam de oportunidades de educação com qualidade, com currículo que problematize e não negligencie sua realidade e o seu trabalho e com educadores preparados para a realidade que estão inseridos. E por ter uma longa experiência na educação do campo e hoje tendo a oportunidade de contribuir e proporcionar novas práticas pedagógicas que auxiliem para obtenção de êxito significativos, tornando o ambiente escolar mais prazeroso.</i>
<i>Coordenador Pedagógico-3</i>	<i>– Bom, a experiência é boa aprendi e bastante, pois tudo é um aprendizado, mais me <b>identifico mais em sala de aula, adoro minha profissão.</b></i>
<i>Professor-1</i>	<i>– Sim. No meu ponto de vista temos que aprender a gostar de tudo quanto fazemos profissionalmente. Visando <b>a valorização dos costumes a cultura dos outros.</b> Pois se não gostarmos, não temos êxito nos nossos objetivos. Gosto porque, sempre foi o que eu pretendi fazer na minha vida profissional.</i>
<i>Professor-2</i>	<i>– Sim, pois sinto-me feliz em colaborar com a sociedade visando a <b>valorização dos costume a cultura da comunidade e fazer parte da educação.</b></i>
<i>Professor-3</i>	<i>– Sim. <b>É uma profissão que sempre desejei atuar e quando trabalhamos em que gostamos, creio que a responsabilidade e compromisso se torna maior, mais fazendo a diferença na valorização dos costumes e na cultura dos educandos.</b></i>
<i>Professor-4</i>	<i>– Sim, porque gosto, primeiramente a pessoa tem que gosta da sua profissão. E eu gosto da minha área principalmente do que faço. Viso à valorização dos costumes e a cultura dos alunos. Procuro da o melhor de mim.</i>

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaaforte.spo@gmail.com

Professor-5	– <i>Sim. Por que para mim o ensino se torna mais prazeroso, pois <b>eu busco valorizar os costumes a cultura dos alunos e os alunos não são tão barulhentos como na cidade, e eles te respeitam e te chamam de Professor na cidade quase você não vê isso.</b></i>
Professor-6	– <i>Obtive esse curso porque <b>pretendia desenvolver e trabalhar com os conhecimentos dos alunos do campo e certamente visando a valorização dos costumes a cultura em outros.</b></i>
Professor-7	- <i>Gosto muito, por opção minha mesmo, aluno e professor e comunitários tem uma aproximação maior e visto <b>a valorização dos costumes a cultura da realidade dos alunos, isso traz um bom relacionamento e ajuda na educação.</b></i>
Professor-8	<i>Atualmente <b>não diferencio educação do campo com a urbana. Mas gosto do campo, pois é mais tranquilo e dá para dar mais atenção aos alunos.</b></i>

Fonte: SE-2; CP-3; P-1; P-2; P-3; P- 4; P-5; P-6; P-7; e P-8. (ABRIL, 2016).

Libâneo (2005, p. 332), destaca que “[...] a Gestão Pedagógica é o lado mais importante e significativo da gestão escolar. [...] ela que define as linhas de atuação de acordo com os objetivos e o perfil da comunidade e dos alunos. Propõe metas a serem atingidas e elabora os conteúdos curriculares.” Assim, o gestor é a figura que deve possuir liderança, no clima de organização da escola que pressupõe a liberdade de decidir no processo educativo e não nos gabinetes burocráticos.

Na visão de Hengemuhle (2004, p. 191), “sua função envolve atividades de mobilização, de motivação e de coordenação. Dirigir uma escola implica colocar em ação os elementos do processo organizacional (planejamento, organização, avaliação) de forma integrada e articulada”.

A atuação do gestor educacional segundo os Autores é significativa, para dá subsídios para a organização do trabalho pedagógico educacional na escola. Nesse sentido, o autor Borges (2008, p. 83) diz que: “[...], o papel do gestor é muito importante para o bom funcionamento da escola. Portanto deve haver um processo de seleção muito sério na escolha dos gestores.”.

Os movimentos também defendem que os cursos de formação sejam oferecidos nas regiões de concentração de comunidades do campo, em regime semipresencial, articulando a formação pedagógica e docente com a vivência da comunidade e dos movimentos. Defendem que os formadores dos cursos tenham preparo específico sobre a realidade do campo, que os

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaaforte.spo@gmail.com

currículos e o material de formação incorporem essa realidade e a especificidade do ser educador (a) do campo. Para a formação desse corpo profissional será urgente a interiorização da educação superior (ARROYO 2007, p. 69)

Quadro 4- Pergunta: – Para você o que representa a Educação do Campo na Comunidade?

<b>Profissionais da Educação</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Supervisor Escolar-2	<i>– Para mim representa expectativa de futuro próximo a população rural, porque a ausência da oferta de escolas às comunidades rurais e a negação ao acesso à educação. Ainda há no imaginário do brasileiro a ideia de que o campo não demanda de políticas públicas. Se fizermos uma análise do que não têm nas escolas rurais é impressionante como por exemplo: não existe Biblioteca; Laboratório de Informática; nem muitas energia elétrica. Abastecimento de água; Esgoto sanitário. E sem contar que quase 70% das escolas rurais possuem sala multisseriadas e com esse quadro, não é difícil antever os problemas em relação à qualidade.</i>
Coordenador Pedagógico-3	<i>– É uma forma de procurar transmitir de maneira clara e objetiva, os resultados obtidos no meu caminhar como professora e adquirindo conhecimento do povo do campo.</i>
Professor-1	<i>– Educação do Campo nas comunidades é uma forma de leva a educação para aqueles que não têm acesso a educação na cidade. Sabemos que tem atualmente mais de 200 milhões de habitantes que vivem em diferentes regiões do país, todas elas marcadas por diferentes modos de vida. E todas elas em busca de conquista a melhor forma de sobreviver no país. E a educação é uma delas.</i>
Professor-2	<i>– A história das comunidades é feita de lutas e conquistas das famílias que fizeram e fazem parte da realidade do campo.</i>
Professor-3	<i>– Representa algo muito significativo, porque trabalhar com esse tipo de educação é algo muito desafiador, porém têm seus lados positivos.</i>

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaforte.spo@gmail.com

Professor-4	– <i>É uma diversidade de coisas, que podemos aproveitar vai de cada professor a forma que ele vai aproveitar.</i>
Professor-5	– <i>Ela apresenta uma forma diversificada, pra que nós possamos utilizar a natureza e na cidade não é possível devido à urbanização.</i>
Professor-6	– <i>É uma forma de valorização do costume dos saberes de sua realidade sendo assim os alunos podem interagir dessa metodologia prazerosa e participativa, já que também participei de um curso durante quatro anos pela escola ativa e já se falava de educação voltada para o campo.</i>
Professor-7	– <i>Representa a única forma de manter os comunitários em seu habitat e reduzir a imigração para as cidades.</i>
Professor-8	– <i>Uma conquista, pois a vinte anos atrás o comunitário tinha que se deslocar para cidade para poder estudar.</i>

Fonte: SE-2; CP-3; P-1; P-2; P-3; P- 4; P-5; P-6; P-7; e P-8. (ABRIL, 2016)

Tardif (2002, p. 228), salienta que: “os saberes da experiência possibilitam-lhes construir conjuntos de saberes sobre cada um, os quais orientam suas práticas. [...] contribui por suas próprias experiências enquanto professores e os saberes obtidos em sua formação inicial ou continuada”.

Para eles a Educação do Campo é uma forma de levar educação aqueles que não tiveram acesso a escolas da zona urbana. É a diversidade, é história, é valorização de costumes, é conquista de uma educação em seu ambiente, é transmitir conhecimentos. Portanto para eles a Educação é respeitar as reais necessidades do povo do campo.

Quadro 5- Pergunta: – Qual a conceito que você tem a respeito da Educação do Campo?

<b>Profissionais da Educação</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<i>Supervisor Escolar-2</i>	<i>A Educação do Campo é uma probabilidade da educação, que ocorre em espaços demonstrativos rurais. O respeito a todo espaço educativo que se dá em espaços da floresta, agropecuária, das minas e da agricultura, etc.</i>

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaforste.spo@gmail.com

<i>Coordenador Pedagógico-3</i>	<i>É levar o professor a refletir sobre sua prática de ensino em relação ao aprendizado e rever seu papel de educador e entender o aluno do campo com o sujeito que constrói conhecimento.</i>
<i>Professor-1</i>	<i>É levar a educação para crianças de comunidades que não tem acesso e nem condições de estudar na Zona Urbana. É ensinar de forma que não tire sua cultura e valorize seu habitat.</i>
<i>Professor-2</i>	<i>A educação do campo, do Povo agricultor, precisa de uma enxada, um lápis, de um trator, precisa de educador para trocar conhecimento. O maior ensinamento é a vida, o seu valor</i>
<i>Professor-3</i>	<i>É uma Educação igualmente a todas mais com suas especificidades.</i>
<i>Professor-4</i>	<i>É como eu citei, há uma diversidade de elementos no meio rural. Principalmente aproveitar os saberes dos alunos e utilizar nas aulas ministradas em sala de aula</i>
<i>Professor-5</i>	<i>É a escola voltada à realidade dos alunos utilizando a sua própria cultura</i>
<i>Professor-6</i>	<i>Resgatar valores em relação daquilo que os alunos já sabem no seu lugar de origens e trabalhar conteúdo voltado na educação interdisciplinar.</i>
<i>Professor-7</i>	<i>A educação no campo é igual à educação da cidade, só que com algumas deficiências no uso das tecnologias necessárias para melhorar os conhecimentos globais das crianças e adultos que fazem parte da classe docente da comunidade.</i>
<i>Professor-8</i>	<i>Ela propicia um conhecimento técnico para os alunos do campo.</i>

Fonte: SE-A, CP-A, P-1; P-2; P-3; P-4; P-5; P-6; P-7; e P-8, (ABRIL, 2016)

Se o próprio Supervisor Educacional das Escolas do Campo não tem uma visão própria sobre o que é Educação do Campo, por quem o povo irá esperar esse reconhecimento? É por esses motivos, que os movimentos sociais reivindicam que as políticas públicas para a educação do campo sejam efetuadas corretamente para esse povo, para que essa educação não seja só falada em teoria, mais que ela seja posta em prática.

Quadro 6- Pergunta: – Em sua opinião quais os avanços da prática Educativa relacionada com a Educação do Campo na Comunidade?

<b>Profissionais da Educação</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<i>Supervisor Escolar-2</i>	<i>- Houve um avanço significativo em relação aos conteúdos curriculares e metodológicos apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural. A organização escolar própria e a adequação do Calendário</i>

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaforste@gmail.com

	<i>Escolar respeitando os seus ciclos agrícolas e condições climáticas, os efeitos naturais como: enchente. A secretaria proporcionou diversas reformas das escolas, proporcionando um ambiente agradável e adequada para receberem uma educação de qualidade. Assim, respeitando e valorizando todas as formas de aprendizagem para alcançarmos nossos objetivos.</i>
<i>Coordenador Pedagógico-3</i>	<i>- Hoje já podemos observar que já teve um grande avanço, em que se refere à pedagogia, temos professores especializados na área, tecnologia, apoio dos governantes, materiais modificados. Escolas que estão sendo construídas com mais qualidades aos alunos.</i>
<i>Professor-1</i>	<i>- Só o fato de existe escolas nas comunidades, já é um grande avanço na Educação do Campo.</i>
<i>Professor-2</i>	<i>- Os avanços é que muitos alunos estão finalizando o ensino fundamental, ensino médio e até mesmo o ensino superior.</i>
<i>Professor-3</i>	<i>- Os avanços vão se adquirindo aos poucos, agora cabe ao professor ser pesquisador e também o mediador durante suas práticas.</i>
<i>Professor- 4</i>	<i>- Eu penso que é de grande proveito.</i>
<i>Professor-5</i>	<i>- No meu ponto de vista evoluiu bastante, por que no caso nos tínhamos apenas uma escola, e agora não temos várias escolas para facilitar o aprendizado do aluno atendendo a sua especificidade.</i>
<i>Professor-6</i>	<i>- Posso opinar em relação a esta questão da seguinte forma, falta de professores comprometidos com o trabalho e as realidades dos alunos, tendo em vista não funciona como deveria, falta mais apoio da secretaria de educação em material para a confecção de materiais didáticos um dos pontos negativos: alunos que são reprovados no 6º ano não têm tanto avanços.</i>
<i>Professor-7</i>	<i>- A chegada da energia facilitou muito o avanço das práticas dentro da escola no uso de data-show, computador impressoras e a própria tv.</i>
<i>Professor-8</i>	<i>- Os conhecimentos técnicos para ser aplicado na prática de manuseio da terra.</i>

Fonte: SE-A, CP-A, P-1; P-2; P-3; P- 4; P-5; P-6; P-7; e P-8, (ABRIL, 2016)

Salienta a coordenadora a respeito dos avanços da educação do campo, que teve um grande avanço, tanto no profissional, como no material. Que de acordo com De acordo com a Resolução nº2 de 28 de abril de 2008 estabelece Diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo orientam no Artigo 7º do § 2º que: a admissão e a formação inicial e continuada

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaaforte.spo@gmail.com

dos professores e do pessoal de magistério de apoio ao trabalho docente deverão considerar sempre a formação pedagógica apropriada à Educação do Campo e às oportunidades de atualização e aperfeiçoamento com os profissionais comprometidos com suas especificidades. (BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO-SECADI, 2012, p. 55).

Analisou-se que a educação do campo avançou, mas de uma forma pouca, pois não basta só ter escolas no campo, precisamos de escola do campo com currículo específico e com metodologias adequadas para esse povo, pois não adianta o professor querer adaptar as suas metodologias de acordo com as especificidades do povo do campo, sem um apoio dos mantenedores dessa educação. No entanto percebeu-se que o artigo proposto não está sendo adaptado da maneira que deveria acontecer.

Quadro 7- Pergunta: – Em sua opinião quais os desafios da prática Educativa relacionada com a Educação do Campo na Comunidade?

<b>Profissionais da Educação</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<i>Supervisor Escolar-2</i>	<i>- Os desafios são muitos. Na minha opinião, devemos destacar o direito da população de ser educada onde vive, com uma educação de qualidade, vinculada a sua cultura e as suas necessidades humanas e sociais. Assim, os desafios, não seriam temidos, pelo contrário, representariam a possibilidade da abertura e da busca de respostas para minimizar tais dificuldades desde o lugar onde vivem e sua participação.</i>
<i>Coordenador Pedagógico-3</i>	<i>-Em muitas escolas ainda encontramos o descaso em relação à educação do campo, onde falta recursos financeiros em relação a materiais didáticos.</i>
<i>Professor-1</i>	<i>-O fator que vem predominando para que essa prática venha ser melhor, é o acesso o transporte que leva os professores e alunos. São de péssimas qualidades e perigoso. E também tem que existir uma formação para esses educadores, para melhorar o ensino, pois estes que existem, ainda são poucos e falta mais.</i>
<i>Professor-2</i>	<i>-Desafios que vão desde o reconhecimento de formas alternativas de organização de tempos e espaços escolares até a definição de estratégias específicas de formação de profissionais e de elaboração de material.</i>
<i>Professor-3</i>	<i>-Há muitos desafios, mas depende de cada docente lidar com esses desafios e seguir em frente mais sempre buscando melhorar cada vez mais em suas práticas educativas.</i>
<i>Professor- 4</i>	<i>-Há vários desafios a serem enfrentados as dificuldades são muitas. Mas se formos pensar em dificuldades, não vamos seguir em frente. Por isso temos que seguir em</i>

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaaforte.spo@gmail.com

	<i>frente. Enfrentar os desafios.</i>
<i>Professor-5</i>	<i>-O desafio ele começa desde de quando nos saímos de nossa casa até chegar na escola da zona rural, enfrentando o rio e fenômenos na natureza como temporal no rio Solimões.</i>
<i>Professor-6</i>	<i>- A dificuldade da adaptação do professor na escola que vai administrar as aulas; dificuldade de fazer um diagnóstico dos alunos da comunidade; Alunos com outra nacionalidade; Etnia e professor que não atua na área de pedagogia.</i>
<i>Professor-7</i>	<i>- Nenhum entre professor, aluno e comunitários o único desafio é o deslocamento da cidade a comunidade que é feito de barco.</i>
<i>Professor-8</i>	<i>- A falta de material didático para um melhor desempenho.</i>

Fonte: SE-A, CP-A, P-1; P-2; P-3; P- 4; P-5; P-6; P-7; e P-8, (ABRIL, 2016)

Analisou-se segundo a resposta do supervisor que os desafios são muitos, respondeu também que se o povo pudesse ser educado em seu ambiente, e com uma educação de qualidade de acordo com a sua realidade.

Pois esse poder público não procuram melhorias para esse povo, quando mencionamos melhorias não estamos falando só de currículo específico e nem tão pouco só de metodologias adequadas, me refiro a valorização dos professores que estão inserido naquele local, professores que obtenham uma formação continuada para essa realidade, me refiro além disso aos matérias adequados para que os professores trabalhem em suas aulas, uma dinâmica diferenciada, refiro também a um transporte mais confortável e seguro, pois em nossas observações notou-se que o transporte que os professores utilizam para chegar até a escola não é nenhum pouco confortável nem muito menos seguro.

Nas nossas opiniões no que a coordenadora expôs, podemos observar que as escolas do campo quase não dispõem de materiais didáticos, ficando claro que nesse termo, os professores das escolas rurais/do campo ficam a mercê de acesso aos materiais que poderiam fazer uma grande diferença ao realizar suas aulas.

Quadro 8- Pergunta: – A Secretaria proporciona formação continuada aos professores da Educação do Campo? Quais foram às formações executadas pela escola nos dois últimos anos?

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaforste@gmail.com

<b>Profissionais da Educação</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<i>Supervisor Escolar-2</i>	<i>- Atualmente fomos contemplados com a Educação da Terra, programa de formação continuada ofertada pelo Ministério da Educação com parceria com a Universidade Federal do Amazonas. Os programas e projetos de financiamento específicos para educação do campo são recentes. A própria Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade (SECAD), do Ministério da Educação que possui uma coordenação específica para educação rural, foi criada apenas em 2004. É a secretaria mais nova do MEC.</i>
<i>Coordenador Pedagógico-3</i>	<i>- Estivemos pouco tempo, professores que estão sempre procurando formação com apoio da secretaria, principalmente a dos anos iniciais.</i>
<i>Professor-1</i>	<i>- Não.</i>
<i>Professor-2</i>	<i>- Não, há 4 anos, nem uma formação continuada para os professores.</i>
<i>Professor-3</i>	<i>- Referente a minha área (Língua Portuguesa) não, vejo que é mais oferecidos para os anos iniciais.</i>
<i>Professor-4</i>	<i>- Eu acredito que não. Porque não ouvir falar em alguma formação para professores do campo.</i>
<i>Professor-5</i>	<i>- Já faz algum tempo que isso não ocorre no meu ponto de vista nenhum.</i>
<i>Professor-6</i>	<i>- O que si sabe a secretaria de educação não foi em plantada a educação do campo.</i>
<i>Professor-7</i>	<i>- Não, não foi executado nenhuma.</i>
<i>Professor-8</i>	<i>- Há recurso pra isso, só que, já faz muito tempo que não tem nenhuma formação.</i>

Fonte: SE-A, CP-A, P-1; P-2; P-3; P-4; P-5; P-6; P-7; e P-8, (ABRIL, 2016)

Segundo a declaração do supervisor ele ressalta que, foram contemplados com um programa de formação continuada para os professores do campo. Mas nas repostas dos outros participantes fica claro que o supervisor novamente vem se contradizendo em suas respostas deste questionário, pois conforme vamos fazer a analises dessa questão a seguir, as respostas dos outros participantes deixarão claro essa contradição.

Quadro 9– Pergunta: Na sua prática educativa na escola, como você contextualiza a teoria e a prática relacionada com a valorização da identidade cultural dos alunos, na adequação do currículo a especificidade local e ao calendário agrícola da comunidade?

<b>PROFESSORES</b>	<b>RESPOSTAS</b>
--------------------	------------------

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaaforte.spo@gmail.com

<i>Professor-1</i>	- <i>De forma inexperiente. Pois a maioria dos professores, ou seja, educadores não têm acesso a esse calendário agrícola da comunidade. E mais ainda, a Escola não possui sua identidade que é PPP da escola. Esse é um total primordial para que essa teoria e na prática venha ter êxito na valorização da identidade cultural dos alunos. O projeto político pedagógico da escola é vinculado à identidade de uma escola, pois é nele que a escola se embasara para melhor educar.</i>
<i>Professor-2</i>	- <i>As atividades escolares se realizam na tradicional sala de aula, do mesmo modo que em outros locais adequando, a trabalhos teóricos e práticos, a leitura, pesquisas ou atividades em grupos, treinamentos e demonstrações, contato com o meio ambiente e com as demais atividades humanas de natureza cultural e artísticas, utilizando á formação e a realidade de cada aluno.</i>
<i>Professor-3</i>	- <i>Será de forma bem simples, para que possamos atender as especificidades de cada uma durante todo o processo de aprendizagem.</i>
<i>Professor- 4</i>	- <i>Procuro trazer os conteúdos para realidade dos alunos, a convivência deles, a realidade que eles vivem.</i>
<i>Professor-5</i>	- <i>Porque as duas caminham junto porque sem essa prática não é possível ter um bom desempenho na parte da educação, só teoria não funciona.</i>
<i>Professor-6</i>	- <i>Conforme os livros didáticos faço a adequação dos conteúdos pra forma mais prática sem desvalorizar o contexto do livro, realizando as pesquisa, a escola não tem ainda um calendário voltado para o tempo da agricultura e das cheias do rio.</i>
<i>Professor-7</i>	- <i>Sim, a prática teórica relacionada com a valorização da identidade cultural é trabalhada mais pouca.</i>
<i>Professor-8</i>	- <i>Por falta de recurso técnico só contextualizo a teoria a prática não existe. Pois o calendário escolar já vem pronto, com aulas atrasadas, assim sou obrigado a seguir.</i>

Fonte: P-1; P-2; P-3; P- 4; P-5; P-6; P-7; e P-8, (ABRIL, 2016).

Dessa forma, é primordial identificar os saberes docentes, as habilidades profissionais que demarcam a especificidade da ação docente, para tanto, é importante a contribuição de Tardif (2002, p. 39) ao afirmar que “o professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana dos alunos”. A esse respeito, Pimenta (1999, p. 78) contribui ao dizer que “nas práticas docentes contêm elementos essenciais, como a problematização, a

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaforte.spo@gmail.com

experimentação metodológica, o conforto com situações complexas e até mesmo a intencionalidade de solucioná-los”.

10<sup>a</sup> Pergunta: As Escolas do Campo possuem Projeto Político Pedagógico? Se não possuem por quê? Em relação a essa problemática, posso esclarecer que a maioria das escolas estão construindo o seu Projeto Político Pedagógico, orientado por professores da Universidade Federal do Amazonas em parceria com a Secretaria de Educação do Município de Benjamin Constant. O qual estão sendo desenvolvidos de maneira coletiva envolvendo todos os atores responsáveis e demanda de organização e cronograma de visitas as escolas por serem um número expressivo de escolas para serem atendidas pela equipe de construção e orientação. (Supervisor Escolar-A, 2016)

No relato do supervisor, ele responde que as escolas do campo possuem um Projeto Político Pedagógico-PPP, mas na realidade isso não acontece, pois nas nossas observações e conversas informais com a coordenadora de pólo, ela me disse que a escola não possui um PPP, eles até estavam construindo um, com a ajuda das professoras da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, mais pararam.

Partindo da resposta em questão notou-se que, a Escola do Campo, falhou a não cumprir o Decreto nº. 7.352 de 04 de novembro de 2010 no que estabelece em seu § 3º “as escolas do campo e as turmas anexas deverão elaborar seu projeto político pedagógico, na forma estabelecida pelo Conselho Nacional de Educação”. (BRASIL, 2012, P. 81).

11<sup>a</sup> Pergunta: Qual o perfil do professor para atuar nas Escolas do Campo? O professor precisa amar, ensinar, aprender, despertar interesse, educar e formar o indivíduo para vida profissional e também ensinar a desenvolver a Inteligência Emocional do aluno. Que o professor detenha conhecimento necessário ao desenvolvimento dessa nova geração e o papel do professor é o de ser facilitador e não dono do saber. O professor deve ser referência de autoridade, de proteção, de confiança. (Supervisor Escolar-A, 2016).

Para Arroyo (2007, p. 168-169) discute sobre a identidade do educador do campo e diz que “nas escolas é preciso ter educadores com enraizamento nas lutas e identidades dos povos do campo, profissionais formado nas suas especificidades, conhecendo sua dinâmica social e cultural dos sujeitos”.

Posteriormente foi feita a seguinte pergunta:

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31<sup>a</sup> Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaforste@gmail.com

12<sup>a</sup> Pergunta: Como funciona as tomadas de decisões da gestão para as Escolas Rurais? A Secretaria de Educação está dividida em três coordenações fundamentais. Administrativa, Executiva e Pedagógica. Todas as divisões de gestão educativa perpassam pela coordenação pedagógica e apreciadas pelo Secretário de Educação para análise das propostas a serem executadas. (Supervisor Escolar-A, 2016).

Mas esse tipo de liderança agrada a liderados inseguros, que não agem sem voz do comando, ou àquele indivíduo que durante sua infância nunca tomou decisões, sempre ficando a cargo dos pais. Lück (2002, p. 79) chama esta liderança de diretiva, e acrescenta que há situações que é necessário este tipo de liderança para se atingir um objetivo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa é pertinente para a concepção acadêmica e contribuiu para o nosso aprendizado enquanto futuros profissionais em Educação. Neste sentido contribui para as reflexões dos professores e órgãos responsáveis, no que tange os profissionais das escolas do campo vem enfrentando diversas dificuldades, e a maneira como vem sendo visualizado ao teor das nossas políticas públicas.

Constatou-se que os professores possuem perfil para atuar nas Escolas do Campo, pois a maioria declarou gostar de trabalhar na instituição educacional. Considerou-se que somente um professor destacou que não diferencia a educação do Campo com a Educação urbana. Verificou-se nos avanços na prática educativa docente e na gestão educacional da Escola Pública da Educação do Campo da Floresta que foram poucos, como declararam os professores, a coordenadora e o supervisor, pois só de ter escolas na comunidade já é um avanço, antes os moradores tinham que se deslocar da comunidade para a cidade, para obter uma formação, muitas vezes não conseguindo concluir o estudo.

Observou-se que os desafios na prática educativa docente e na gestão educacional da Escola Pública da Educação do Campo da Floresta foram à falta de formação continuada para a Educação do Campo, tanto para os professores como para a coordenadora e o supervisor.

Ressaltou-se a importância do perfil e da formação de professores na prática educativa e na gestão educacional da Escola Pública da Educação do Campo no Ensino

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31<sup>a</sup> Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaforste.spo@gmail.com

Fundamental, que esse Perfil é de suma importância para que essa educação seja trabalhada adequando-se as reais necessidades da vida do povo do campo.

Considerou-se que mantenedora da escola necessita fazer investimento na valorização dos profissionais da Educação na formação continuada da Educação do Campo e da Gestão Educacional do Campo para que os profissionais possam ter acesso a Legislação da Educação e as Políticas Públicas do Campo para que possam organizar o trabalho pedagógico da Escola que atendam as reais necessidades da população da Comunidade Recanto do Beija Flor para a superação de apêndices de educação urbanocêntrica.

Entretanto, critica-se que as leis tanto LDB quanto a Constituição, que só ficam na palavra, pois na ação é bem diferente, os processos de formação de professores, geralmente não contemplam a realidade do campo, na formação dos profissionais da educação. Para que essa formação ocorra com qualidade e igualdade social, o Campo e a Cidade precisam estar entrelaçados, respeitando não só a realidade do campo, mas como a sua diversidade cultural que dentro dele existe, uma vez que essas pessoas apresentam forma diferenciada de viver e residem em espaços também diferentes, com necessidades e interesses específicos, que merecem uma educação de qualidade, pautada no respeito de suas realidades e nas suas diversidades culturais.

O discurso sobre a formação de professores só entra em pauta nas agendas de nossos dirigentes, como instrumento de poder político em épocas de campanhas, porém muito se fala em educação de qualidade e pouco se faz pela educação, os maiores afetados direta ou indiretamente são os professores e alunos da educação do campo, porque a formação do educador acaba sendo apropriada pela classe dirigente.

Essa tarefa não é tão simples assim principalmente quando esbarramos na falta de compromisso daqueles que gerenciam as políticas de educação, os quais impedem a concretização pautada no diálogo, na valorização do compartilhamento das tomadas de decisões, embora pareçam inúmeros os desafios para consolidação de uma política de formação voltada para a capacitação do profissional da educação, seja no campo ou na cidade, não podemos dizer que seja uma tarefa impossível.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaforte.spo@gmail.com

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel; FERNANDES, Bernardo M. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. Vol. 2. Brasília. BF: articulação nacional por uma educação básica do campo, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96**. Brasília, 1996.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Brasília, MEC/SECAD, 2002.

BORGES, Heloisa da Silva. **Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar**. Manaus: Edições UEA Ed. Valer, 2008.

CONTRERAS, José. **Autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Educação do Campo Território Camponês no Brasil**. In SANTOS, Clarice Aparecida dos. (org.). **Educação do Campo: Campo-políticas públicas educação**. Brasília: Inca; MDA, 2008.

HENGEMUHLE, Adelar. **Gestão de ensino e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar, políticas, estruturas e organização**. 2 ed. SP: Cortez, 2005.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**/Sérgio Celani Leite. – 2. ed. – São Paulo, Cortez, 2002. – (Coleção Questões da Nossa Época; v. 70).

LÜCK, Heloísa et al. **A Escola Participativa: o trabalho do gestor escolar**. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

MOLINA, Mônica C.; FERNANDES, Bernardo M. (Orgs.). **Contribuições para a construção de um projeto de educação do campo**. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2004. (Coleção Por uma Educação do Campo, 5).

PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortes, 1999.

SAVIANI, D. *A pedagogia no Brasil: história e teoria*. Campinas: Autores Associados, 2008. p. 246-253.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup>Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: becky.spo@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA), pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: gilcirleypenaforte.spo@gmail.com